

## Os Estudantes e a Ditadura Militar em Sobral-CE (1964-70).

Edvanir Maia da Silveira<sup>1</sup>

### O contexto político

Dois processos fundamentais, de acordo com Martins Filho, explicam os episódios que marcaram a atuação do movimento estudantil nas décadas seguintes a 1950: a abertura da universidade aos setores médios e o surgimento de uma corrente política, vinculado a Igreja Católica – a AP, que serviu como canal de introdução de setores importantes dos estudantes, secundários e universitários, no campo da política<sup>2</sup>.

Ele afirma que num contexto de urbanização e industrialização aceleradas, de presença política da classe operária urbana e mais tarde, eclosão das ligas e sindicatos camponeses, a militância católica constituía uma terceira via entre o comunismo soviético e o capitalismo norte-americano. No clima geral de efervescência cultural formou-se uma geração de estudantes imersos no nacionalismo e na preocupação com os problemas nacionais, principalmente com a questão do desenvolvimento e da responsabilidade das elites.<sup>3</sup>

O autor ressalta que nos fins da década de 50, o movimento se desarticula e por isso não serão poucos os estudantes a apoiarem o golpe. Contudo, o quadro se modifica depois do golpe. Os primeiros anos do regime decepcionam os jovens estudantes e os anos de 1965 e 66 vão assistir à reconstrução das entidades estudantis que entrariam em choque mais direto com as políticas da ditadura militar<sup>4</sup>.

No Ceará de acordo com Edmilson Alves Jr., houve reação estudantil. A Ação Popular, o PC do B e os trotskistas foram as principais organizações por meio das quais os estudantes, principalmente universitários, atuaram em reação a ditadura. Uma peculiaridade cearense citada por vários autores que pesquisam o período, é de que ao contrário da maioria brasileira, o principal condutor das lutas estudantis no Ceará não foi a AP e sim o PC do B. Algumas razões apontadas para o fracasso da primeira, é o fato de que vários militantes da AP foram presos e processados pelo AI-2, na tentativa

---

<sup>1</sup> A autora é professora efetiva da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA e doutoranda pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ.

<sup>2</sup> Martins filho p.187

<sup>3</sup> Idem p. 188.

<sup>4</sup> Martins Filho p.192-193

de reconstituição das UEEs e acabaram deixando o movimento nas mãos de militantes inexperientes. Quanto a ascensão da segunda, uma razão seria a opção de investir nos DCEs e a abertura política na relação com estudantes de outras agremiações e mesmo os sem grupo.<sup>5</sup>

Entre os principais eventos que marcaram a atuação desses estudantes na resistência ao regime em Fortaleza, Maia Jr. cita o *Massacre da José de Alencar* e a *Passeata dos Vinte Mil*. De acordo com ele, era esta a manchete do jornal Gazeta de Notícias, no dia 25 de junho de 1968:

***“Polícia realizou autêntico massacre: passa mal aluno atingido com dois tiros”.***

*A manifestação realizava-se em torno da estátua de José de Alencar, no centro da Praça, quando foram cercadas todas as saídas e os policiais foram dispersar o comício. Durante cerca de duas horas, “as violências se prolongaram pondo em pânico a população que transitava pelo centro”. Hora do rush, 18 horas, a manifestação ocorria justamente no principal terminal de ônibus, totalmente lotado. A polícia bateu “indiscriminadamente em todos” – “quem não correu foi espancado” – não importou se era estudante, jornalista ou transeunte esperando seu ônibus.<sup>6</sup> (Grifo do autor)*

Um estudante foi alvejado com dois tiros. A manifestação era um protesto contra a repressão realizada no Rio de Janeiro na semana anterior – a semana sangrenta. Para Maia Jr. a repercussão do episódio na imprensa local animou o movimento estudantil de tal forma que três dias depois realizou-se a *Passeata dos Vinte Mil*. Um dia depois da *Passeata dos Cem mil* no Rio de Janeiro, 27 de junho de 1968:

*Vinte mil pessoas pararam e silenciaram por um minuto a um só gesto. Era noite. Foi impressionante. E, por fim, chegaram ao CEU [Centro Estudantil Universitário]. A multidão se dispersou. Nas rodinhas de vozes roucas comentavam: “Vencemos. Tudo foi muito bom e muito bonito. Nós provamos que não somos baderneiros. Não houve um só incidente. As idéias vencem as armas. Queríamos uma Democracia assim”.<sup>7</sup>*

Tais eventos expressam que o movimento estudantil cearense estava sintonizado com movimentos de resistência a ditadura que ocorria em outras capitais

---

<sup>5</sup> Edmilson, p.49-50

<sup>6</sup> Edmilson p. 92.

<sup>7</sup> Gazeta de Notícias. Fortaleza, 28/06/68 p.4 Apud. Edmilson Jr. p.124.

brasileiras como Rio e São Paulo. E, embora tivesse os universitários na linha de frente, estavam acompanhados dos secundaristas, representados pelo Centro dos Estudantes Secundaristas Cearense (CESC).

## O Movimento Estudantil em Sobral

As práticas políticas dos estudantes durante o regime militar em Sobral constituem ainda um complexo quebra-cabeça a ser montado. De um lado, apoio incondicional ao golpe, de outro, manifestação de uma cultura de resistência.

O apoio estudantil ao golpe de 1964 manifesta-se por meio do Centro Estudantal Sobralense (CES). Numa nota no jornal Correio da Semana, em abril de 1964, o CES expressa a sua aliança ao novo regime:

### Movimento estudantil

Vitória no âmbito nacional das forças armadas.

Vitória no âmbito estudantil da **Linha Nova**.

Aprovada *in totum* a nova diretoria do CES [Centro Estudantal Sobralense] (...)

Estudantes **democratas** assumiram a direção do Centro dos Estudantes Secundaristas do Ceará (CESC)<sup>8</sup>. (Grifo nosso)

No estudo sobre o Centro Estudantal Cearense (CEC), Altamar Muniz afirma que o CEC foi criado nos anos 30 e reproduzia a experiência da casa do Estudante do Brasil fundada em 1929 no Rio de Janeiro. A entidade era voltada para o apoio a estudantes carentes do estado sem compromisso político, de caráter assistencialista, continha inclusive um departamento de Polícia Estudantal que objetivava acomodar, disciplinar e patrulhar a vida dos estudantes. O CEC tinha boas relações com a Liga Eleitoral Católica, que foi aliada dos integralistas no Ceará. Até os anos 40 ele representava estudantes secundaristas e universitários, quando perde lugar para o Centro dos Estudantes Secundaristas Cearense (CESC) e a União dos Estudantes Universitários (UEE-CE), entidades que vão manifestassem contra o nazifascismo. Para o autor, sintomaticamente o fim da hegemonia do CEC coincide com o fim do Estado Novo.<sup>9</sup>

O Centro Estudantal tinha representação em várias cidades do interior do estado. Em Sobral, na região norte do estado, o Centro Estudantal Sobralense - CES surgiu nos anos 1940 e durou até a década de 1970. O CES teve características muito semelhantes ao de Fortaleza. Havia inclusive a Polícia Estudantal (PE), formada por alunos escolhidos, que trabalhava na vigilância do comportamento estudantil em parceria com o Comissariado de Menor e a polícia

---

<sup>8</sup> CS 11-04-64, ano 47 n° 3 p.6 Democratas eram como os estudantes aliados do golpe se intitulavam.

<sup>9</sup> MUNIZ, Altamar da Costa. Movimento Estudantil e Estado Novo. S.n.t. 24p.

militar, fiscalizando o lazer dos estudantes, inclusive nos prostíbulos<sup>10</sup>. Uma das poucas ações políticas do centro foi a garantia do direito a meia entrada nas casas de diversões. Segundo depoimento de ex-centrista, com a “revolução de 64” o centro teria desaparecido, provavelmente porque lutava pelos direitos dos estudantes e também porque começava a receber influência comunista de grupos ligados a CUT etc.(LINHARES, 2011)

Mas o que ocorreu foi uma reestruturação da entidade sob nova direção. Na coluna estudantil do *Correio da Semana*, encontramos informações de que com o golpe, o CES ganhou nova diretoria, que eles intitularam de “Linha Nova”, atuando na defesa do regime militar. Encontramos ainda, outras manifestações estudantis de apoio ao golpe em jornais temporários que circularam pela cidade, inclusive no Colégio Sobralense, local onde foram forjadas muitas das manifestações de oposição a ditadura. Não sabe-se quanto tempo durou esta aliança, pois em 1969 o CES aparece compositor do regime, tanto em depoimento de antigos membros da diretoria como nos relatórios do DOPS.

Mas a expressão de uma cultura de resistência pode ser encontrada no relato de ex-militantes do movimento estudantil primário/secundarista: Francisco Lopes, Francisco Sabóia, João Ribeiro Paiva e de professores do Colégio Sobralense: Pe. Oswaldo Chaves e Pedro Van Ool. Todos atuantes no meio primário/secundarista.

Entre as principais ações de resistência à ditadura desse movimento estão: *a homenagem a Che Guevara do Colégio Sobralense em 1967; a passeata pela Avenida do Estudante em 1968 e o projeto de explosão do palanque das autoridades em 7 de setembro de 1969*. Contudo, não há nestes depoimentos um discurso coerente sobre a organização do movimento estudantil na cidade, embora eles tenham participado dos mesmos episódios ou pelos menos tenham ouvido falar deles.

### **2.1. A homenagem a Che Guevara - Colégio Sobralense.**

No ano de 1967 os estudantes do Colégio Sobralense<sup>11</sup> elegeram o líder revolucionário Ernesto Che Guevara para homenagem póstuma na sua festa de colação de grau. Segundo depoentes, os estudantes tiveram conhecimento sobre a história deste guerrilheiro por meio de trabalhos escolares proposto na disciplina de Português. De acordo com Pe. Oswaldo, a época professor da disciplina, depois do tema ter sido

---

<sup>10</sup> Edvar Pereira Moura. Entrevista concedida em 26 de novembro de 2010.

<sup>11</sup> O Sobralense era um escola dirigido pela Diocese de Sobral, exclusivo para meninos e o Colégio Santana, para meninas.

explorado pela imprensa, ele sugeriu aos estudantes pesquisarem sobre a vida do guerrilheiro. O professor de História Pedro Van'Ool que apoiou a idéia do professor de português, diz ter ajudado aos alunos, quando o procuravam para compreensão dos quase 60 artigos que encontraram sobre o tema. Ele diz que a maioria dos artigos reproduzia a visão dos militares sobre o líder, mas que alguns pasquins traziam outra visão, e os meninos foram se animando com aquilo. Já próximos a sua festa de formatura, admirados com coerência das práticas do líder revolucionário, os estudantes o teriam escolhido para homenagem póstuma. Mas isso daria muito trabalho ao colégio.

Os pais foram os primeiros a procurarem a escola. Eles estariam preocupados com a reação dos militares. Mas o professor diz não ter interferido na decisão, por não achar necessário. Um estudante do período cita as acaloradas reuniões de pais e mestres em que o assunto era discutido.

Um dia antes da festa, com os convites manualmente confeccionados<sup>12</sup>, levando o nome do guerrilheiro na lista de homenagens, o DOPs reage. De acordo com o Professor Van 'Ool, ele foi procurado por militares vindo de Fortaleza determinando o fim da homenagem, sob pena de uma intervenção militar:

Quando eu estava terminando a missa no abrigo, chegaram oito militares, se identificaram, (...)“*então, nós viemos aqui para acabar com essa bagunça*”. Que bagunça? (...)“*Essa bagunça, esses comunistas, o sr. com o padre Oswaldo é que tão botando essa idéia*”. Quem disse isso? Vocês ouviram badalar o sino não sabe nem de onde. Não tem nada de anarquia, nada de bagunça. (...). O que houve foi um estudo crítico depois da morte de Che Guevara, para os alunos por conta própria, orientado por nós, pela gente, descobriremos o certo e o errado. Eles descobriram muita coisa errada, mas descobriram um pontinho certo – *a coerência no agir*. O que eles admiraram no Che Guevara? Só isso. E por isso eles querem fazer uma homenagem póstuma. Não faz mal a ninguém, não. Não vai contra o regime militar, não vai contra o capitalismo, não vai contra a ninguém, nem contra a igreja nem contra aos pais nem contra aos senhores, ninguém. “*Não, mas nós viemos pra breicar*” (...) Ai eu fiz uma proposta, já que os senhores se deslocaram de Fortaleza pra cá, era domingo de manhã. Daqui a pouco esses moleques como vocês chamam vem brincar comigo, porque mesmo não sendo mais diretor eu ofereço esporte que é pra tirar a ociosidade. Daqui a pouco eles vêm. Já que os senhores estão convencidos de eles estão errados, porque nós não estamos, vamos fazer a mesa redonda e conversar com eles. “*Nós não viemos pra perder tempo com moleques*”. Aí eu me ofendi de novo, aí eu me levantei e disse eu também não vou perder tempo, (...) com o sr., e fui me embora (...) “*De qualquer jeito se houver a festa, haverá intervenção*”. (...) logo em seguida chamei os alunos, contei o que tinha havido, e então eu disse, bom vocês é que decidam, seus pais tem medo, o exército vai interferir, a polícia federal vai interferir caso vocês promovam essa festa. Agora se quiserem dou uma sugestão, mas vocês decidam não sou eu não. Se com o Che Guevara não pode, sem o Che Guevara ninguém faz a festa. Eles aceitaram a idéia, não houve festa<sup>13</sup>.(Grifo nosso)

---

<sup>12</sup> João ribeiro apud Carvalho p.42.

<sup>13</sup> Pedro Van Ool.

A reação do professor rendeu-lhe o enquadramento na Lei de Segurança Nacional pela terceira vez. As outras duas teve a ver com a expulsão de um estudante da escola por violência contra professor. Como o estudante era filho de um deputado influente, o Padre foi denunciado como subversivo.

Para decepção dos pais, nenhuma festa aconteceu.

O grande paradoxo é que Guevara era o terceiro homenageado numa lista que começava com o Papa João XXIII, seguido do Bispo D. José. Tinha como Patrono o Dep. Federal Gal. Josias F. Gomes e Paraninfo o prefeito Jerônimo Prado, ambos membros da Arena local. A justificativa de um ex-estudante sobre o nome da turma ser o General Josias F. Gomes, era uma estratégia do grupo para não chamar muito atenção, já que era moda naquela época batizar turma com nomes assim, e também porque eles precisavam de patrocinadores para uma excursão a Bahia prevista pelo grupo. Mas ele diz que os dois líderes ficaram em maus lençóis por esta homenagem.<sup>14</sup>

O episódio trouxe a Sobral agente do DOPS para proceder investigação. Neste relatório, algumas informações divergem da fala dos depoentes, e outras são dados totalmente novos, haja vista os agentes contarem com depoentes nem sempre visíveis. O relatório confirma que a origem de tudo foi o estudo sobre Che Guevara proposto pelo professor de português, que resultara na escolha do líder para homenagem, aprovado por mais da metade da turma. Com o recebimento do telegrama da 10ª Região Militar, que segundo depoente dizia: “As Forças Armadas Brasileiras mobilizadas por mar, terra e ar, não permitirão a realização desta festa”, a festa teria sido adiada para o próximo dia 13 de dezembro. O fato teria causado indignação na sociedade local. Cartaz encontrado num bar chama os humanistas de *Guevaras* e o Pe. Osvaldo de causador do movimento. Um comerciante indignado reuniu pais de estudantes e prometia acabar com a festa, se ela fosse levada adiante. Os agentes descrevem inclusive, que o delegado local teria se disponibilizado a proteger os humanistas, se a promessa do comerciante fosse levada a cabo, como forma de manter a ordem. Ainda de acordo com o relatório, o movimento recebia reação também de membros religiosos. Em entrevista aos agentes, o Mons. Sabino, afirmava está disposto a fazer abaixo assinado junto à população e as autoridades para evitar a realização da homenagem; informava que a frase que aparece no convite: “*Ninguém tem maior amor que o daquele que dá a vida por seus irmãos*”,

---

<sup>14</sup> João ribeiro, apud, Carvalho, p.41

teve a palavra irmãos colocada no lugar original bíblico de AMIGOS, e que tudo teria começado a 4 anos atrás quando um seminarista e depois padre, foi a França e manteve contato com essa linha doutrinária, fundando o jornal *Brasil Urgente*, em São Paulo, e que Pe. Zé Linhares, Reitor do Seminário e Diretor do colégio teria ajudado a divulgar entre os estudantes e seminaristas.

Sobre a confecção dos convites, o relatório confirma a dificuldade dos estudantes em encontrar gráfica e a autoria do trabalho confeccionado por um fabricante de flâmula na cidade. Os estudantes teriam recebido a solidariedades de entidades estudantis, como a UNE, UBES, DCE, CESC e outras entidades de quase todo Brasil.

A influência de D. fragoso também aparece com muita frequência neste material. Os estudantes teriam se organizado para visitar Crateús, desistindo diante do quadro, e que uma pequena quantidade de manifesto de autoria do bispo foi distribuído pela cidade: “O bispo de Crateús e Cuba” – “Trechos do discurso de D. Fragoso ao povo”. O relatório chama o seminário de reduto esquerdista e dá uma classificação aos padres esquerdistas de acordo com sua atuação – o que doutrina, o que agita e o que faz a cobertura dos dois primeiros.<sup>15</sup>

O estudante que era o orador da turma confirma a versão dos professores do Sobralense sobre o episódio e lembra que quarenta anos depois a turma GUEVARA pensou em por em prática o desejado projeto, chegando a contatar a filha de Ernesto Che Guevara para representar o pai na homenagem devida, mas que acabou por não consolidasse. Quando descreve a confecção do convite e a escolha dos homenageados, fica clara na fala do depoente que aquelas eram escolhas conscientes: um general no nome da turma, o Che Guevara no final dos homenageados para não chamar a atenção. Os estudantes discordavam do poder, mas sabiam que era necessária cautela para enfrentá-lo.

Este fato expressa o conflito entre o projeto do regime e sua aplicação no contexto local. Juntar figuras tão díspares numa mesma homenagem, pode significar a somatória dos diversos projetos em disputa dentro de uma mesma turma, mas também, pode significar uma ambigüidade nos mesmos sujeitos que têm dificuldade de associar o projeto político nacional do regime com os projetos locais levado a cabo pelas conhecidas elites políticas.

---

<sup>15</sup>DOPS. Relatório de Viagens a Sobral. 09 de dezembro de 1967. 5p

### 2.3.2. A Passeata dos Estudantes – (1968) - Colégio Estadual.

O Colégio Estadual D. José Tupinambá da Frota era a maior escola pública de ensino ginásial da cidade, muito respeitada pelo seu nível, que aprovava muitos estudantes nos vestibulares. Seus professores eram praticamente os mesmos das boas escolas particulares da cidade, o Colégio Sobralense e o Colégio Santana, ambos sob a direção da diocese de Sobral. O Grêmio Estudantil Domingos Olímpio, é citado como uma importante organização política dos estudantes.

No ano de 1969, uma passeata dos estudantes do Estadual termina na prisão de alguns estudantes. Segundo depoimento do estudante Francisco Lopes<sup>16</sup>, líder do Centro Estudantil Sobralense, que participou da manifestação, o objetivo da passeata era reivindicar a construção de uma avenida de acesso à escola, que ficava intransitável nos períodos chuvosos.

Em 1968 o Correio da Semana já discutia boletins escritos por estudantes reivindicando a solução do problema:

#### *A juízo os fatos. Os estudantes teem razão.*

A uma semana circulava pela cidade dois boletins que se sabe escritos pelos nossos estudantes. Vasados no direito que lhe assiste de reivindicar e no solidarismo, tão peculiar e justo, a uma classe que se conscientiza, e que deixa de ser uma passagem para se auto afirmar e determinar como um Estado. Analisando com sensatez e sem preconceitos, vemos que suas reivindicações se cingem de VERDADE E ANSEIOS. Talvez a maioria dos sobralenses não desconheça a estrada que dá acesso ao Colégio Estadual. Mas faze-la, diariamente, numa ida e retorno necessários, obrigando-se a se descalçar para enfrentar o lamaçal, bancar o malabarista para safar-se aos respingos de lama, dos veículos passantes, tudo isso ainda misturado com escuro... e agravado pelo ver de uma via asfaltada e iluminada dando acesso a um clube quase solitário... Paciência!.

(...)

A JUÍZO OS FATOS. OS ESTUDANTES TEM RAZÃO<sup>17</sup>.

Encontramos ainda neste jornal no ano de 68, informes de que o projeto da Avenida do Estudante estava em fase de conclusão e que seria uma grande realização do prefeito Jerônimo Prado. Mas a passeata é um indício de que o projeto não foi posto em prática.<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> Depoimento Francisco Lopes.

<sup>17</sup> CS, 18-05-68 p.2

<sup>18</sup> CS 29-06-68. p.2



De acordo com Lopes, ele e outros estudantes foram presos e levados a delegacia local. As três principais escolas da cidade fecharam e os estudantes e professores se aglomeraram em frente a delegacia em protesto. Para o ex-militante essa manifestação de apoio se devia ao fato de que a reivindicação da avenida era comum a muitos estudantes que tinham dificultado seu acesso ao Colégio Estadual durante o período de chuvas, já que a via ficava muito enlameada, e também ao fato de serem estudantes de conduta respeitável na sociedade local.

Mas para ele, o que os salvou efetivamente de serem enviados para o 23BC em Fortaleza, um dos porões da ditadura no Ceará, foi a estratégia política de entregar a filha do Cel. da polícia local como líder do movimento. Segundo ele, a filha do Cel. Pratagil, comandante da Delegacia Regional e Especial de Sobral, estava infiltrada no Centro Estudantil, cientes desse fato os estudantes a colocavam a frente de todas as manifestações, para que nos momentos da repressão eles fossem protegidos. Foi o que ocorreu no episódio da passeata, como a suposta líder do movimento era filha do Cel., o caso foi fechado e os estudantes liberados depois do interrogatório:

Nós fizemos uma chantagem com a filha do Cel., porque nós sabíamos que ela era espiã, a filha do Cel. Pratagil, eles sabia que ela era espiã do pai, mas eles não se prepararam, mandaram que ela se infiltrasse no movimento estudantil, e nós sabendo que ela era filha do coronel, sem que ela soubesse que a gente tinha esse conhecimento, mandávamos sempre que ela tomasse todas as iniciativas. Quando nós fomos presos, a gente já sabia que ia ser presos, mandamos fazer a cobertura fotográfica de toda a atividade da filha dele. Foi o poder da contra espionagem. (...) Nós preparávamos todo esquema e votávamos como se ela fosse a líder do movimento estudantil em Sobral. Quando nós...era meio dia mais ou menos, fomos presos aqui na frente do Feirão da Moda, na praça José Sabóia, e eles nos iam levar para o 23 BC em Fortaleza, o CES naquela época tinha um advogado chamado Dr. Moacir Sobreira e tinha um promotor aqui em Sobral um promotor de justiça Dr. Adeil Cavalcante e o Dr. João de Deus e aquelas alturas todo o movimento intelectual de Sobral. Na hora que eu estava sendo investigado, prestando depoimento, eu citei que nós apenas acompanhávamos a menina, nem me lembro o nome dela, e quem é ela, era filha do Cel., e o Cel. para proteger a filha, pediu que deixasse as coisas sem processo sem nada e desistiu de nos mandar pra Fortaleza<sup>19</sup>.

João Ribeiro e outros depoentes afirmam que depois deste fato, qualquer grupo de conversa pelo centro da cidade era dispersado pela polícia<sup>20</sup>.

Não foi encontrado nenhuma referência a este episódio específico, na documentação do Dops, embora seja freqüente as referências ao Centro Estudantil.

---

<sup>19</sup> Depoimento de Francisco Lopes. Entrevista concedida a Prof<sup>a</sup>. Viviane Bezerra em ???

<sup>20</sup> Sabóia e João Ribeiro, Paulo Graco, Raimundo Albertino...Vicente Lopes.

### 2.3.3. A explosão do palanque em 7 de setembro de 1969.

As comemorações do dia 7 de setembro, consolidada como data cívica, tornou-se um alvo de questionamento dos movimentos populares ao longo da história do Brasil. Nas últimas décadas, diversos setores da sociedade civil, entre eles a Igreja Católica, tem aproveitado o evento oficial para protestar contra a exclusão social. Nas décadas de 1960/70 quando a palavra LIBERDADE tinha significado muito forte, marchar apresentava-se como exaltação ao autoritarismo empreendido pelos governos militares e, portanto, o desfile de 7 de setembro deveria ser boicotado pela categoria estudantil. Esse discurso aparece num panfleto distribuído pelo Centro Estudantil Sobralense, em parceria com o CESC, na cidade de Sobral em 1968:

#### *POR QUE MARCHAR?*

Liberdade significa justiça. Não é fome nem escravidão, mas como o Governo gosta sempre de botar o povo prá marchar obrigou a todos os colégios a desfilarem no dia 7 de setembro. E os estudantes vão embora forçados, comemorar o que na realidade não existe: Liberdade. A prova de que não existe é que nesse dia vão desfilar forçosamente ombro a ombro com aqueles que os perseguem, que os maltratam e que os matam em praças públicas: os militares.

Não será isso uma incoerência?

Não será isso uma mentira pública, não será uma prova de que querem fazer do povo autênticos bestas? Será que eles pensam que o povo se conforma com a falta de condições de vida, com a falta de escolas e de tudo que ele precisa e que não tem?

O dia há de chegar. Ainda acreditamos na bravura de nosso povo, que é pacato, mas quando não pisam nos seus calos. E esse povo um dia há de sair às ruas, mas para comemorar a sua liberdade do regime capitalista, parasita e explorador. Avante/ para frente é que se vai ainda que a opressão dos militares e do Governo queiram sempre nos botar para trás. O estudante sabe o que quer por isso é inconformado e inquieto com a desorganização que ora sofre o seu país.

CESC e CES<sup>21</sup>.

De acordo com relatório do DOPS havia uma manifestação estudantil prevista para este evento, mas foi previamente reprimida pela polícia.

Este está entre os fatos mais polêmicos na história do movimento estudantil em Sobral. Segundo o ex-estudante Francisco Sabóia, havia um projeto de explosão do palanque das autoridades nas comemorações do dia 07 de setembro de 1969, momento em que também se comemorava o aniversário da “revolução”.

---

<sup>21</sup> Estado do Ceará. Secretaria de polícia e Segurança Pública. Delegacia Regional e Especial de Polícia. **Relatório**. Sobral, 23 de setembro de 1968. Panfleto Anexo. APEC (Datilografado)

<sup>21</sup> Entrevista Sabóia.

E nós tínhamos um plano, a minha turma, da gente assaltar o Tiro de Guerra, retirar todas as armas e munições, e também, agente tinha outro plano de explodir o palanque, no dia 07 de setembro. 1969. Com todas as autoridades presentes. (...) Primeiro, agente tinha que detonar a ponte, que só tinha uma entrada mais acessível pra Sobral que era pela ponte velha, Oton de Alencar. Agente explodindo a ponte, pronto. Como é que ficaria a entrada? (Inaudível)... fosse de Fortaleza era muito difícil. Se viesse pela Serra Grande, demorava muito. Mas é... eu não sei se era utopia nossa, que agente era muito jovem, então agente sonhava alto<sup>22</sup>.

Ele diz ainda que o plano foi descoberto pelos militares e alguns dos seus colegas presos: Márcia Barreto, Fernando Agripino e Amílcar Ximenes Pontes, entre outros estudantes do Estadual e do Sobralense. O estudante João Ribeiro, do Colégio Sobralense, afirma que ouviu falar do projeto da bomba, mas não tem maiores informações sobre o episódio. Outros depoentes dizem não acreditarem na existência do plano. Para o ex-estudante Francisco Lopes foi uma invenção dos militares para prenderem os estudantes que assumiram o movimento depois dele<sup>23</sup>. Alguns professores do Sobralense também não acreditam, acham que a prisão dos estudantes foi apenas uma forma dos militares manifestarem seu poder ou fatos isolados sem expressão política de resistência.<sup>24</sup> O certo é que os estudantes foram presos com esse argumento.

Um Dossiê do DOPS confirma em grande parte a versão contada pelo estudante Francisco Sabóia. De acordo com a fonte, três pessoas foram presas carregando instrumentos que seriam usados para explosão do palanque das autoridades no dia 07 de setembro e da Ponte Otton de Alencar. A explosão da ponte, de acordo com depoimento dos detidos, objetivava apossassem do dinheiro do carro pagador da REFESA que em data certa passava pelo local. Entre os detidos estão um estudante menor, e dois adultos, sendo que apenas um deles foi preso já que o segundo era delator da polícia e por sua vez ajudou-a na prisão dos envolvidos<sup>25</sup>.

Os detidos foram acusados de prática de terrorismo:

#### PORTARIA

*Tendo sido prêso em flagrante delito e apresentado nesta delegacia o indivíduo (fulano de tal), e colhido em igual condição, o menor (fulano de tal), quando os mesmos, as 22:00 horas de hoje, em frente ao Pôsto Esso, nesta cidade de posse de um estopim e de uma tampa de cortiça, procuravam meios para confecção ou*

---

<sup>22</sup> Entrevista Sabóia.

<sup>23</sup> Francisco Lopes

<sup>24</sup> Pe. Oswaldo e Pedro Van ool.

<sup>25</sup> Departamento Federal de Segurança Pública. Delegacia de Ordem Política e Social – DOPS/Ceará. Inquérito nº 41. Início 10 de setembro de 1969. Delegacia Especial de Polícia de Sobral.

*aquisição de uma bomba, com que pretendia destruir o palanque das autoridades, no dia 7 de setembro, armado à praça Dr. Antônio Ibiapina, nesta cidade, numa autêntica demonstração terrorista, tudo indicando fazerem parte de uma rêde subversiva, determino que, autuada em Portaria, se lavre contra o primeiro o respectivo auto de prisão.*

*Determino também que, depois, sejam os ditos elementos apresentados à Secretaria de Polícia, para os devidos fins, em virtude de quererem por em prática atos contra a Segurança Nacional (...).<sup>26</sup>*

## **Eles eram “subversivos”, mas não sabiam?**

Embora não tenhamos conseguido detectar qual a filiação ideológico-partidária do movimento estudantil sobralense, os depoimentos dos estudantes e a documentação do DOPS são fortes indícios de que havia um movimento estudantil organizado, aliado aos estudantes de outras cidades, provavelmente Fortaleza, e empenhados na oposição à ditadura, que incomodou visivelmente os aliados do regime por meio de pichações, panfletos, reuniões secretas, passeatas, programas de rádio etc.

Os relatórios da polícia dão conta do conteúdo das pichações, espalhadas pela cidade, sobre as quais a polícia assumia sua incapacidade de evitá-las dada a falta de contingente policial:

(...)

### **2.2.-Pichamentos.**

(...) Queremos socialismo cristão, + escolas – quartéis, queremos a liberdade do camponês, o estudante é a única esperança, 7 de setembro é ilusão, abaixo à ditadura, UNE, abaixo o clero burguês, o povo no poder, 7 de setembro é mentira, 30º congresso da Une, abaixo a burguesia, cooperar com a ditadura é não ser patriota, real liberdade só virá com a derrubada da ditadura, quando será a nossa independência? A revolução popular dará melhores condições, Brasil dominado pelos militares.<sup>27</sup>

Alguns panfletos também chegaram as mãos da polícia, como este distribuído pelo movimento estudantil em 7 de setembro de 1968, que questionava as desigualdades sociais, para ele, agravada pelo governo dos militares:

#### **AOS ESTUDANTES E AO POVO EM GERAL**

Em 1964, o Brasil contava com quase 60+(%) de analfabetos, 500 mil tuberculosos sem hospitais, a fome matando mais de duas mil crianças por dia um grande número de desempregados, carístia, salários baixos...

O povo ia solucionar êsses problemas, mas no dia 1º de abril daquele mesmo ano os militares se apossaram do poder: deram o golpe de estado, e ficou governando o Brasil sem faculdades humanas, ante cristão e sem idoneidade cívica.

<sup>26</sup> PORTARIA. Delegacia Especial de Polícia em Sobral. 6 de setembro de 1969. p.2

<sup>27</sup> Estado do Ceará. Secretaria de polícia e Segurança Pública. Delegacia Regional e Especial de Polícia. **Relatório**. Sobral, 23 de setembro de 1968. APEC (Datilografado) P.2

Hoje a situação continua mais alarmente: mais desempregados, mais carestia, mais salários de fome, mais analfabetos e maior número de mortandade infantil.

O Governo temendo o povo prega uma revolução, cujos princípios se resume em dois:

1º - Tirar o pão de quem tem pouco, para dar aos que tem muito.

2º - Deixar o povo analfabeto para explorá-lo mais.

Portanto, dizer que o Brasil é independente, é ignorar os princípios de justiça e liberdade, é fechar os olhos para a grande maioria de brasileiros que vivem mergulhados no infortúnio da fome, da nudez, da doença e do analfabetismo, é apoiar o neo-colonialismo americano, com sua sede insaciável de exploração.

Chegou a hora companheiros, de derrubarmos as estruturas superadas da política suja do Brasil. Chegou a hora de deixarmos para as gerações do futuro um belo exemplo de patriotismo, é para todos os brasileiros condições de vida digna de uma pessoa humana.

“Não há foice contra a espada, não o fogo contra a pedra, não o fuzil contra a enxada”.

Granada contra a granada/ Metralhadora contra Metralhadora/

É a nossa guerra, é sagrada, a nossa guerra não falha.

CENTRO DOS ESTUDANTES SECUNDÁRIOS DO CEARÁ  
CENTRO ESTUDANTAL SOBRALENSE<sup>28</sup>

As reuniões secretas realizadas pelo movimento estudantil não estavam fora do alcance da repressão como os estudantes acreditavam:

(...)

#### **7. Reuniões suspeitas.**

7.1. As atividades do Colégio Sobralense, normalmente desenvolve-se pela manhã e a tarde, entretanto a partir das 17:00 horas, estudantes penetram no recinto do Colégio para reuniões, esportes, etc.

(...)

7.4. Domingo próximo passado, dia 22, O Centro Estudantal Sobralense realizou reuniões em sua sede para tratar de assuntos não chegados ao nosso conhecimento e, está programado para o próximo outras reuniões de carácter suspeito<sup>29</sup>. (Grifo nosso)

Do mesmo modo, os programas de rádio foram muitos deles gravados pelos agentes do DOPS, descrevendo em seus relatórios os temas explorados nestes programas e os nomes dos sujeitos que deveriam ser considerados subversivos.

O movimento estudantil de acordo com Araújo foi um ator de muita importância para a luta democrática. Praticamente liquidado na luta armada, em 1974 o movimento começava a viver um processo de reconstrução e revitalização, de um lado na reconstrução de suas entidades, e, de outro, atuando na frente de lutas pelas liberdades democráticas. Refletindo os debates travados no interior da esquerda brasileira ele empurrava o movimento político para as ruas, dando visibilidade as

---

<sup>28</sup> Estado do Ceará. Secretaria de polícia e Segurança Pública. Delegacia Regional e Especial de Polícia. **Relatório**. Sobral, 23 de setembro de 1968. Panfleto Anexo. APEC (Datilografado)

<sup>29</sup> Estado do Ceará. Secretaria de polícia e Segurança Pública. Delegacia Regional e Especial de Polícia. **Relatório**. Sobral, 23 de setembro de 1968. APEC (Datilografado) p.3.

bandeiras democráticas da oposição e granjeando a simpatia da opinião pública. Desse modo para autora, o movimento estudantil foi um ator especial: barulhento, corajoso, ousado e responsável numa certa medida pela radicalização da luta democrática ao longo da década de 1970.<sup>30</sup>

A atuação da igreja ao lado da resistência também aparece tanto na fala dos depoentes quanto nos documentos policiais. Que vários padres contribuíram com a luta, incentivando leituras e análises críticas acerca da realidade social e política; escondendo estudantes da polícia e principalmente falando de liberdade, de esperança, de um mundo novo.<sup>31</sup> O informativo católico *Brasil Urgente* que circulava no movimento estudantil fortalezense durante a ditadura também era lido em Sobral.<sup>32</sup>

Entre os nomes mais citados por essas práticas estão: Pe. Osvaldo Chaves, Pedro Van Ool, Pe. Luizito Dias e Pe. José Linhares em Sobral. Mas há também muita referência ao bispo D. Frágoso de Crateús, citado como a fonte de muitas dessas inspirações “subversivas”.

Padre Luizito Dias é citado como o mais questionador. Mentor intelectual dos estudantes; defendeu os estudantes presos na passeata, mesmo não sendo advogado; protegeu os programas do MEB e dos estudantes quando era diretor da Rádio Educadora. O relatório do DOPS desqualifica-os na sua vida pessoal. Segundo depoente, qualquer abordagem da polícia logo se perguntava se participava das reuniões de Pe. Luizito. Ele teria saído de Sobral perseguido pela polícia.

Padre Osvaldo e Pedro Van Ool aparecem nos episódios do Sobralense e padre José Linhares, na proteção dos estudantes da polícia. Nos documentos do DOPS esses mesmos nomes são citados na lista de subversivos.

Numa biografia sobre Pe. Osvaldo professor, Joan de Oliveira assim o descreve:

Padre Osvaldo sempre se soube um homem do seu tempo. Não fugiu a isso. Não buscou na ignorância vigente no sertão pobre, espoliado, desculpa para não saber e não conhecer as coisas. Não buscou, na clausura do seminário, se esconder de sua época, do seu século turbulento e tumultuado (...). Quando pronunciou a expressão cristo-povo no Sermão do Encontro de 1952, padre Osvaldo o fez compreendendo, como Drumond o afirmara pouco antes em *A rosa do povo*, que aquele era um tempo de partido, tempo de homens partidos. Padre Osvaldo nunca teve filiação partidária mas jamais deixou de ter posições políticas firmes, sólidas, posições sociais, posições

---

<sup>30</sup> Araújo, p. 336-337-338

<sup>31</sup> Joan, p.122-128

<sup>32</sup> Fala de Mons. Sabino relatório do DOPS>???

humanas.(...) Agiu da mesma forma quando se antecipou à chamada *Teologia da Libertação*, quando das palavras do seu sermão, lembrado por muitos como digno de um Vieira, quando daquele sermão passou das palavras aos gestos e aos atos. A pastoral do padre Osvaldo era uma pastoral do povo, do seu povo. Fez uma opção de vida e enfrentou o que tinha que ser enfrentado por conta dela. Pagou o seu preço. Não é exagero dizer que ele enfrentou os poderosos de plantão, ele os desafiou (...) Com gestos simples, com atos simples, com suas reuniões e suas orações nas casa do bairro dom Expedito. Ali, (...) padre Osvaldo desafiou a ditadura militar com o seu trabalho pastoral. Levou a pecha de comunista, em uma época em que esse epíteto poderia lhe render a prisão, a tortura e até a morte. Picharam a sua igreja, atentaram contra ela. Recebeu a “visita” dos meganhas, dos “homens da lei”, que o pressionaram, que diziam abertamente: “nós prendemos e arrebatamos”. Padre Osvaldo, mancando, puxando da sua perna (herança da poliomielite), pedalando a sua bicicleta, não se rendeu, não se dobrou, continuou com o seu trabalho. (...).<sup>33</sup>

As informações chegavam ao DOPS por meio de relatórios produzidos pela delegacia regional de Sobral ou por agentes enviados de Fortaleza para investigar episódios específicos.

Segundo Felisbela Paiva, professora do Colégio Estadual, em fins de 1968 os professores do estadual fizeram uma greve já que estavam com os salários atrasados a quase um ano e sequer havia um contrato de trabalho. Houve uma manifestação de solidariedade dos estudantes ao movimento dos professores que aconteceu em frente a sede do Centro Estudantil Sobralense. Para o ex-estudante João Ribeiro, a greve era também uma luta contra a ditadura.<sup>34</sup>

Os professores do Sobralense, embora citados como aliados desses mesmos estudantes e acusados de subversivos por membros da sociedade local, não reconhecem a existência de um movimento estudantil organizado e de oposição a ditadura. Para eles, os episódios acima citados foram fatos isolados que não caracteriza um movimento organizado de resistência ao regime. Leitura que eles estendem para o resto da sociedade. Na opinião dos padres professores, 40 anos depois, a ditadura não trouxe mudanças ao cotidiano da cidade. A Faculdade, os meios de comunicação, a polícia local não teria tido sequer trabalho em manter a ordem, pois mesmo as agremiações políticas apenas cuidaram de não desagradar os militares, portanto a reação da cidade de Sobral ao golpe teria sido de neutralidade.<sup>35</sup>

---

<sup>33</sup> Joan p. 140.

<sup>34</sup> Carvalho, p.52-54

<sup>35</sup> Pedro Van ool e Pe. Oswaldo

### **Considerações finais**

Ora, a descrição que os professores fazem do contexto sobralense ao falarem do episódio de homenagem ao Chê não é nada neutra. Fica muito evidente a presença autoritária do regime na cidade com a conivência da sociedade local. A presença de pessoas estranhas nas missas e reuniões do círculo bíblico; a vinda de militares de Fortaleza para suspender a festa que homenagearia Che Guevara; o enquadramento do professor de história na Lei de Segurança Nacional, inclusive pela expulsão do filho de um deputado; as pichações na cidade acusando padres de comunistas; a censura aos programas de rádio da diocese, tudo isso evidencia claramente uma mudança no cotidiano da cidade propiciada pela instalação do regime militar.

Contudo, é importante ressaltar as ambigüidades que permearam a luta política desses estudantes contra a ditadura. Em alguns momentos, parece um movimento radical bem organizado e com orientação comunista (passeata, panfletos, reuniões clandestinas, estratégias de driblar a censura, percepção da espionagem, articulação com outros grupos e regiões) que despertava a preocupação do regime. Em outros, assume características bem conservadoras que não chegam a incomodar as estruturas (bons alunos, boas relações com o prefeito, a igreja e a “boa sociedade”), e por isso não foram reconhecidos como subversivos. Isso nos diz que assim como os aliados, os opositores da ditadura também ganhavam feições muito peculiares á estrutura política local, o que não significa que não fosse oposição.